

# Documento do Conselho das Aldeias Wajãpi – Apina



&

**Associação dos Povos Indígenas Wajãpi  
do Triângulo do Amapari – APIWATA**

## **Como é nosso jeito de viver e como planejamos nosso futuro**

**Macapá**

**Abril, 2005**

## **APRESENTAÇÃO**

Nos dias 02 e 03 de fevereiro de 2005, as lideranças wajãpi que participaram da reunião de parceria com nossos assessores do lepé decidiram fazer um documento para os órgãos do governo sobre a nossa mudança para aldeias novas nos limites da Terra Indígena Wajãpi.

Nós resolvemos fazer este documento porque os órgãos do governo que estão trabalhando com os Wajãpi não estão entendendo e não estão respeitando nossa decisão de mudar de aldeias. Também não estão dando o apoio que já pedimos muitas vezes para fazermos esta mudança de aldeias. Os não índios dizem que não podem trabalhar em aldeias distantes, de acesso difícil, e acham que, por isso, nós não podemos nos mudar para aldeias novas.

Nós achamos que os órgãos do governo não estão entendendo por que a mudança de aldeias é importante para nós, para nosso modo de vida e para nosso futuro. Por isso, decidimos fazer este documento explicando bem para os não índios como é o nosso jeito de viver e como é o nosso planejamento para o futuro. Achamos que quando os não índios entenderem bem, eles vão dar o apoio que precisamos. Nós estamos cansados de correr atrás dos não índios. Agora queremos que os não índios venham atrás dos Wajãpi.

Este documento foi escrito nas aldeias Mariry e Kwapo'ywry, entre os dias 27 de março e 4 de abril de 2005, por alguns Wajãpi escolhidos pelos caciques: Viseni, Aikyry, Kumare, Caubi, Kasiripina, Waiwai, Tapenaiky, Wawa, Jawapuku, Kere, Kasianã, Ripe, Koretari, Wyrakatu, Makarato, Patiheu, Wajamanã e Wynamea. Os assessores do lepé nos ajudaram a terminar o documento.

Antes de entregar o documento para os órgãos do governo, nós apresentamos para todos os chefes de aldeias, e todos concordaram com o que está escrito. Por isso pedimos para os presidentes do Conselho das Aldeias Wajãpi – Apina e da Associação dos Povos Indígenas Wajãpi do Triângulo do Amapari – APIWATA assinarem em nome de todos.

Queremos marcar uma reunião na Terra Indígena Wajãpi com o governador do Amapá, a Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas e o Núcleo de Educação Indígena da Secretaria de Estado da Educação (NEI/SEED), a FUNAI, a FUNASA, o IBAMA, a Procuradoria Geral da República para ouvirmos como cada órgão vai apoiar as nossas prioridades.

## **NOSSO JEITO DE VIVER**

*Nós Wajãpi temos um modo de vida muito diferente de vocês. Nós temos uma cultura muito forte e não esquecemos nenhuma coisa. Nós sabemos nos pintar, sabemos cantar, ... sabemos criar nossos filhos, educar nossas crianças e cuidar da nossa higiene.*

*Nós Wajãpi temos um modo de morar muito diferente dos não índios. Desde muito tempo atrás nós estamos sempre mudando de lugar. Sabemos procurar lugares bons para morar, onde o terreno é bom, a terra é boa, é bom de fazer roça. Onde é bom de caça e bom de peixe. Nós não moramos sempre no mesmo lugar (Professor Viseni Wajãpi).*

Os Wajãpi não fazem suas aldeias sempre no mesmo lugar porque não fazem suas roças sempre no mesmo lugar. Cada ano, abrimos uma roça em um lugar diferente. Por exemplo: no primeiro ano, uma família wajãpi faz uma roça, e no ano seguinte faz outra roça perto da primeira, deixando um pouco da mata no meio. Nós sabemos como escolher um lugar bom para viver: Se tem muita terra boa, com cocô de minhoca e areia misturada; se o lugar é plano; se não tem muito angelim; se a terra é preta ou vermelha, aquela família continua todos os anos fazendo roças por perto. Se a terra boa acaba, aquela família vai procurar outro lugar para fazer suas roças. Quando encontra outro lugar bom, essa família não muda para lá de uma vez. No primeiro ano, faz só um tapiri e planta uma roça, depois volta para sua aldeia velha. Também tem que abrir caminhos. Demora muito tempo para criar um lugar novo para morar.

Plantamos na roça: vários tipos de pupunha, vários tipos de milho, vários tipos de mandioca, a "mãe da mandioca", vários tipos de banana, vários tipos de batata doce, macaxeira, limão, vários tipos de mamão, amendoim, ware´a (um tipo de raiz), fava, ananás, vários tipos de cará, vários tipos de jerimum, vários tipos de cana de açúcar, vários tipos de pimenta, caju, vários tipos de algodão, urucum, cuia, tabaco, cunami, vários tipos de remédios, *kurawá* (um tipo de fibra), flechal, vários tipos de cabaça, gengibre, etc.

Depois de mais ou menos três meses que abriu a roça no lugar novo, a família wajãpi volta para lá, para ver se já tem milho. A família passa um tempo lá, comendo o milho verde, capinando sua roça e construindo uma casa pequena (*tapainã*). Depois, a família guarda a semente do milho na casa nova e volta para sua aldeia velha, porque a mandioca da roça nova ainda não criou raiz.

No verão seguinte, a família wajãpi volta para esse lugar para derrubar mais um pedaço de mata e abrir outra roça, depois volta novamente para a aldeia velha. Quando chega a época de plantio, a família vai para sua aldeia

nova plantar a segunda roça e fazer as casas para moradia definitiva. Mas as famílias wajãpi nunca abandonam suas aldeias velhas: sempre voltam lá para comer as frutas que ficam nos pátios e nas capoeiras, cuidando das plantas que produzem todos os anos, como a pupunha, o caju, o cupuaçu, a manga, o limão, a ingá, a laranja, etc.

Hoje em dia, nós também voltamos sempre para as aldeias velhas porque os não índios que trabalham na saúde e na escola só ficam nessas aldeias. Hoje em dia, nós precisamos de assistência à saúde e de apoio para nossos trabalhos de educação nas aldeias novas.

No futuro, nós também vamos mudar das aldeias que fundamos nos últimos anos, onde queremos morar agora Mas isso não vai acontecer rápido. Antes de nos mudar para um lugar distante, nós sempre fazemos pequenas mudanças dentro da mesma região. Conforme as crianças vão crescendo e formando novas famílias, vão fundando pequenas aldeias novas perto da aldeia de seus pais. Nosso jeito de ocupar a terra é formando esses conjuntos de aldeias pequenas em torno de lugares centrais.

Nós não gostamos de viver em aldeias grandes, com muita gente, porque pode dar problema de falta de recursos e podem acontecer desentendimentos entre as famílias. Por isso, sempre preferimos fazer várias aldeias pequenas próximas umas das outras.

Nós fazemos aldeias novas na mesma região até sobrarem poucos recursos naturais (caça, materiais para construção de casas, solo para plantar) para nos manter, e só aí que mudamos para outro lugar distante. Geralmente, isso demora uns 20 anos. É por isso que, para nós, algumas aldeias velhas já não são lugares bons para viver: por exemplo, Mariry e Taitetuwa, que foram fundadas há quase 30 anos. Lá não tem mesmo condições para a vida dos Wajãpi.

Depois que saímos de um lugar, esperamos muitos anos, até a mata crescer de novo, para ocupar outra vez aquela região. Assim, os recursos da nossa Terra Indígena nunca vão acabar.

Isso é um conhecimento importante, que faz parte da nossa cultura. Nós sabemos fazer manejo dos recursos naturais da floresta. Também tem regiões dentro da Terra Indígena Wajãpi que deixamos reservadas só para a caça; ninguém pode fazer roça nesses lugares, para deixar para os animais se reproduzirem. Tem lugares menores, como por exemplo as margens do igarapé Mariry, e tem também áreas maiores, onde os animais nem conhecem as pessoas, como por exemplo a região de uma serra que chamamos Waramamopy, no sul da nossa terra.

Nós já sabemos há muito tempo que a mudança de aldeias melhora nossa saúde, porque os lugares novos têm muita fartura e nossas famílias vão se alimentar bem. Nossa alimentação é: carne de veado, de anta, de guariba, de preguiça, de tamanduá, de vários tipos de macaco, jacamim, arara, mutum, tucano, queixada, caititu, paca, jacaré, cutia, jabuti, trairão, tartaruga, puraqué, surubim, sarapó, outros tipos de peixes, caranguejo, etc. Também comemos corós que comem o tronco de palmeiras (*pisu*), saúvas, mel, vários tipos de castanhas, bacuri, pequiá, injá, abiurana, pupunha, fruta de massaranduba, bacaba, açai, a fruta do jatobá, cupuí, cupuaçu, taperebá, muito beiju, farinha de mandioca, banana, cajá, cacau, cacau da floresta, cana, graviola, manga, ingá, mamão, muitas frutas da floresta e muitos tipos de alimentos que plantamos nas roças (*temitã*).

Nas aldeias novas também temos menos doenças vindas da cidade. E vamos ter menos lixo trazido da cidade, porque nessas aldeias tem muita comida e não precisamos comprar alimentos industrializados.

Lá é mais fácil de fazer nossas festas todos os meses, porque temos muitos recursos para preparar a festa e oferecer bebida e comida aos convidados. Podemos convidar nossos parentes que moram longe, porque é fácil conseguir alimentação para muita gente. Nossas festas também são muito importantes para nossa saúde.

Também é mais fácil para os professores wajãpi dar aulas, porque não precisam ficar muito tempo procurando caça na mata. Os professores e agentes de saúde wajãpi também fazem roças, caçam e pescam para suas famílias. Isso faz parte do nosso modo de vida. Queremos continuar caçando, mas queremos ter tempo para fazer outros trabalhos também.

Outro motivo porque queremos sempre fazer aldeias novas é porque plantamos nossas roças sem usar adubos químicos e vários tipos de agrotóxicos. Nós queremos continuar fazendo nossas roças assim no futuro, por isso não podemos ficar morando sempre no mesmo lugar.

### **POR QUE ESTAMOS OCUPANDO OS LIMITES**

Decidimos há muito tempo ocupar os limites da Terra Indígena Wajãpi porque assim podemos proteger nossa terra das invasões dos não índios. Fica fácil fazer a vigilância se moramos junto dos limites. E ali temos muita caça e lugares bons para abrir nossas roças.

Mas queremos morar nos limites com saúde e com tudo que precisamos para nossos trabalhos de educação. Nas aldeias dos limites tem menos doenças da cidade, como a gripe, mas tem outras doenças fortes, como a malária. Também é muito difícil trazer os doentes de lá até as aldeias centrais velhas, quando acontece um acidente, como por exemplo uma picada de cobra. Por isso, tem que ter posto de saúde nos limites da área, não só nas aldeias centrais velhas (as aldeias centrais velhas são Mariry, Taitetuwa, Ytuwasu, além do Posto Aramirã).

Não é só os agentes indígenas de saúde (AIS) que vão cuidar da nossa saúde nas aldeias novas. Os profissionais não índios também têm que ir para as aldeias nos limites, junto com os AIS. Se os AIS forem morar sozinhos nos limites, não vão aprender bem como cuidar das doenças, porque não vão acompanhar o trabalho de profissionais mais capacitados.

### **ONDE ESTÃO LOCALIZADAS AS ALDEIAS WAJĀPI**

Nós demarcamos nossa Terra Indígena nos anos de 1994 a 1996. Ela foi homologada em 1996 (Decreto número 1775) com 607.017 hectares.

Atualmente, a população wajãpi é de 695 pessoas. Na tabela, mostramos como estão distribuídas as famílias entre as nossas aldeias. A distribuição é por grupo familiar, e inclui os diferentes lugares onde cada grupo circula.

Nos mapas (Anexo I), mostramos o lugar de cada uma das 46 aldeias.

- **No Mapa 1**, mostramos os postos de saúde que já existem e os postos que estão em construção ou vão ser construídos logo – com cores diferentes indicando as aldeias que serão atendidas por cada posto.
- **No Mapa 2**, mostramos os postos de que estamos precisando e que solicitamos neste documento.

<b>Grupo familiar / Aldeias que ocupa</b>	<b>Número de pessoas (abril 2005)</b>
Jakareakãgoka	22
Ysigu / Ytuwasu / Suinarã	61
Akaju	27
Yvyrareta / Kwakywa	47

Kupa'y	21
Tabocal / Kapuwera / Parijaka	17
Pypyiny	16
Karavõvõ	25
Mukuru	10
Kamuta / Ajawary / Açaizal	21
Jiruruwry / Kwapo'ywry	7
Tomepokwar / Ywytõtõ / Yjypijõn / Uruvura'yry	23
Kurawary / Jawarary	22
Kurani'yty	37
Okara / Cachoeirinha	11
Seweriry / Jakare	23
Manilha / Marakae	25
Kuruwaty	9
CTA	11
Cinco Minutos	27
Okakai / Mariry	25
Najaty / Ytawa	48
Aruwaity / Kumakary	31
Kujari / Kwapo'ywry	21
Pairakae / Myrysity	15
Pyrakenupã	14
Okora'yry	19
Pinoty	30
Tajau'ywry	30

**Mapa 1: Como será o atendimento das aldeias pelos postos quando o Posto Ywyrareta for instalado**

*Posto Aramirã*

Aldeias atendidas: Tajau'ywry, Pairakae / Myrysity, Kwapo'ywry / Kujari, Pyrakenupã, Okora'yry, Pinoty  
População total: 129 pessoas

*Posto CTA*

Aldeias atendidas: CTA, Cinco Minutos, Cachoeirinha, Kuruwaty, Manilha / Marakae e Jakare  
População total: 106 pessoas

*Posto Jakareakãgoka (em construção)*

Aldeias atendidas: Jakareakãgoka, Ysigu / Suinarã, Akaju  
População total: 110 pessoas



*Posto Yvyrareta (planejado)*

Aldeias atendidas: Yvyrareta / Kwakywa, Kupa'y, Ytape, Pypyiny, Karavovo, Parijaka / Kapuwera, Mukuru  
População total: 136 pessoas

*Posto Mariry*

Aldeias atendidas: Mariry, Tomepokwar / Yvytõtõ / Yjypijõn / Uruvura'yry, Açaizal / Ajawary / Kamuta, Kumakary / Aruwaity, Jawarary / Wyraury, Kurani'yty, Okakai, Ytawa / Najaty, Jiruruwry, Seweriry, Okara  
População total: 343 pessoas

**Mapa 2: Como planejamos e como estamos solicitando nesse documento o atendimento das aldeias pelos postos de saúde**

*Posto Aramirã*

Aldeias atendidas: Tajau'ywry, Pairakae / Myrysity, Kwapo'ywry / Kujari, Pyrakenuã, Okora'yry, Pinoty, Aruwaity / Kumakary  
População total: 160 pessoas

*Posto CTA*

Aldeias atendidas: CTA, Cinco Minutos, Cachoeirinha, Kuruwaty, Manilha / Marakae e Jakare  
População total: 106 pessoas

*Posto Jakareakãgoka (em construção)*

Aldeias atendidas: Jakareakãgoka, Ysigu / Suinarã / Ytuwasu, Akaju  
População total: 110 pessoas

*Posto Yvyrareta (planejado)*

Aldeias atendidas: Yvyrareta / Kwakywa, Kupa'y, Ytape  
População total: 72 pessoas

*Posto Kamuta (solicitado neste documento)*

Aldeias atendidas: Tomepokwar / Yvytõtõ / Yjypijõn / Uruvura'yry, Açaizal / Ajawary / Kamuta, Jawarary / Wyraury, Kurani'yty, Pypyiny, Karavovo, Parijaka / Kapuwera, Mukuru<sup>1</sup>  
População total: 174 pessoas

*Posto Okakai (solicitado nesse documento)*

Aldeias atendidas: Okakai / Mariry, Najaty / Ytawa  
População total: 73 pessoas



## **NOSSA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA**

Não existe um cacique geral de todos os Wajãpi.

O chefe de uma aldeia é o fundador da aldeia. Nossas aldeias são formadas por grupos de parentes que moram juntos. Cada grupo tem seu chefe ou cacique.

Atualmente, nós temos 46 aldeias na Terra Indígena Wajãpi. Geralmente, cada grupo familiar tem duas aldeias ou mais, e passa uma parte do ano em cada uma delas.

A Terra Indígena Wajãpi é dividida em vários grupos políticos chamados “*wanã*”. Esses grupos são maiores do que os grupos familiares que formam as aldeias. Uma pessoa de um “*wanã*” só pode morar na região de outro “*wanã*” se casar com uma mulher desse grupo. Entre nós, quando um homem casa, ele precisa morar junto com o sogro dele por algum tempo. Depois, ele pode levar sua esposa e seus filhos para morar na região do seu pai, se toda a família e os sogros concordarem.

Só um cacique não pode falar em nome de todos os Wajãpi. Por isso nós criamos o Conselho das Aldeias Wajãpi – Apina. Quem manda no Conselho são os chefes das aldeias wajãpi. A diretoria do Apina, que é escolhida em assembleias a cada dois anos, é só uma representação desses caciques.

Se um órgão do governo quer decidir alguma coisa com os Wajãpi, precisa conversar com a diretoria do Apina e a diretoria vai consultar os chefes pelo rádio. Se os caciques acharem necessário, os órgãos do governo precisam fazer uma reunião grande com todos os caciques, para todos decidirem juntos.

É importante saber que a Associação dos Povos Indígenas Wajãpi do Triângulo do Amapari – APIWATA, criada depois do Apina, representa algumas famílias wajãpi. Mas todas essas famílias também estão dentro do Apina, porque participam das assembleias e escolhem a diretoria do Conselho das Aldeias Wajãpi. Por isso, o Apina continua representando e trabalhando com todas as aldeias de nosso povo.

As reuniões dos não índios com os caciques não podem ser rápidas, porque eles não falam bem português e tudo precisa ser bem explicado e traduzido. Os jovens que estão estudando (professores, agentes de saúde, estagiários do Apina e pesquisadores) sempre precisam participar das reuniões para ajudar os caciques.

## **COMO QUEREMOS CONVERSAR COM O GOVERNO**

Os Wajãpi não querem fazer reunião com os órgãos do governo só quando são convidados. Nós queremos que o governo também participe das reuniões que os Wajãpi organizam.

Quando tem reunião na cidade, nós queremos que os órgãos do governo convidem no mínimo dois Wajãpi, para um ajudar o outro a lembrar das palavras dos caciques, ajudar a entender o que os não índios (*karai kō*) estão falando e ajudar a passar as informações para as comunidades depois da reunião. Também queremos que nossos assessores sempre acompanhem nossos representantes nas reuniões, para ajudar a explicar o que está sendo discutido.

Todos os anos nós fazemos reuniões internas (assembléias do Apina e outras reuniões) e reuniões com os assessores (reuniões da parceria lepé / Apina e outras reuniões) para planejar nossos trabalhos e decidir as prioridades. Nós queremos que os órgãos do governo respeitem nosso planejamento e nos ajudem a fazer as coisas que são mais prioritárias para nós. Não queremos que os não índios decidam sozinhos o que vão fazer na Terra Indígena Wajãpi. Também não queremos que os não índios decidam alguma coisa junto com só um ou dois chefes. O governo tem que atender as necessidades colocadas pelo conjunto da população wajãpi.

## **NOSSAS PRIORIDADES PARA 2005**

As coisas que decidimos que são prioridade para nós em 2005 são:

- a mudança completa das famílias que já fizeram suas aldeias novas nos limites da Terra Indígena Wajãpi;
- a construção de uma pista pouso e de um posto de saúde na aldeia Kamuta, para atender as aldeias Kamuta, Jiruruwry, Seweriry, Okara, Mukuru, Parijaka, Kurani'yty e Tomepokwar;
- a manutenção da pista de pouso e a construção de um posto de saúde na aldeia Okakai, para atender as aldeias Okakai, Ytawa e Najaty;
- a reforma das duas pontes que existem no trecho de cerca de 30 quilômetros da Rodovia Perimetral Norte (BR 210) que entra dentro de nossa terra; logo depois dessa reforma, a manutenção de todo o

trecho da estrada, que utilizamos muito, especialmente para cuidar da saúde e tirar doentes das aldeias.

## **O APOIO QUE PRECISAMOS**

### **1. Da FUNAI**

- A FUNAI precisa cumprir com urgência a promessa de apoiar a construção de uma pista de pouso na aldeia Kamuta, que fica no rio Inipuku, no limite oeste da nossa terra. Esse acerto já foi feito com a Funai em 2002, na avaliação final do projeto de Vigilância e Fiscalização da Terra Indígena Wajãpi, financiado pelo PPTAL. Naquele ano, várias pessoas da Funai prometeram ajudar. Em 2003, ouvimos que essa promessa estava valendo. Depois, outras pessoas da Funai disseram que era perigoso, porque garimpeiros poderiam usar a pista. Mas há muito tempo nós não deixamos garimpeiros entrar na nossa terra, especialmente nos lugares onde moramos. Sem pista de pouso nesse limite oeste da Terra Indígena Wajãpi (rio Inipuku), a FUNASA não pode construir um posto de saúde ali e manter permanentemente profissionais de saúde atendendo as aldeias novas que já abrimos naquela região. Também fica muito difícil retirar da área algum paciente com problema grave de saúde, que precisa ser levado com urgência para o hospital em Macapá.
- A FUNAI precisa providenciar com urgência a manutenção da pista de pouso da aldeia Okakai, para a FUNASA poder construir um posto de saúde nessa aldeia no limite norte da Terra Indígena Wajãpi o mais rápido possível.
- A FUNAI e a Procuradoria Geral da República precisam encontrar solução para a dificuldade dos povos indígenas de comprar munição e armas de caça, porque hoje em dia isso é muito necessário para continuarmos nos alimentando da caça. A caça é uma atividade muito importante para nosso modo de vida e para nossa auto-sustentação. Estamos mudando para aldeias novas porque queremos nos alimentar bem. Não queremos depender da criação de animais dos não-indios ou de comida comprada, para nossa alimentação e não sabemos mais caçar tão bem com arco e flecha como faziam nossos avôs.
- A FUNAI e o IBAMA precisam fazer um trabalho de conscientização e educação ambiental com os moradores da Perimetral Norte, para eles pararem de invadir e explorar os recursos da Terra Indígena Wajãpi e

do Parque Nacional das Montanhas do Tumucumaque (por exemplo: caça, peixe, cipó titica, madeiras, etc...).

- O chefe do Posto Indígena Amapari precisa ter apoio da AER de Macapá e pedir apoio da Polícia Federal para acompanhar os moradores das aldeias Pairakae e Kujari e pegar os invasores que continuam entrando na Terra Indígena Wajãpi pelo limite leste (rio Amapari e ramal do assentamento Tucano II).

## **2. Da FUNASA**

- A FUNASA precisa nos ajudar a explicar para a FUNAI a necessidade de uma pista de pouso na aldeia Kamuta e de manutenção da pista de pouso que já existe na aldeia Okakai, para possibilitar a assistência à saúde nas aldeias do oeste e do norte da Terra Indígena Wajãpi.
- A FUNASA precisa construir postos de saúde nos limites oeste (Kamuta) e norte (Okakai) da Terra Indígena Wajãpi.
- A FUNASA precisa manter técnicos de saúde não índios e agentes indígenas de saúde (AIS) trabalhando nos postos de saúde nos limites, com barco, motor e combustível para atender as aldeias próximas.
- A formação dos Wajãpi para cuidar da saúde não pode parar. Os AIS e microscopistas wajãpi precisam aprender mais para cuidar de problemas de saúde complicados, como a malária. Outros AIS precisam ser formados para atender todas as aldeias nos limites. Os microscopistas precisam estudar a mesma coisa que os AIS, e os AIS precisam aprender a ler lâminas, para diagnosticar rapidamente os casos de malária na Terra Wajãpi.
- Precisa ter microscópio, inalador e sistemas fotovoltaicos de energia solar (painéis solares e baterias) em todos os postos de saúde nos limites da Terra Indígena Wajãpi.
- A FUNASA também precisa cuidar da malária dos moradores da Perimetral Norte, porque não adianta cuidar dos Wajãpi se nossos vizinhos continuam pegando e transmitindo a doença.

## **3. Do IBAMA**

- O IBAMA e a FUNAI precisam fazer um trabalho de conscientização e educação ambiental com os moradores da Perimetral Norte, para eles

pararem de invadir e explorar os recursos da Terra Indígena Wajãpi e do Parque Nacional das Montanhas do Tumucumaque.

- O IBAMA precisa retirar lixo e equipamentos deixados pelos garimpeiros no igarapé Ytawa, junto da pista de pouso do Okakai (limite norte da Terra Indígena Wajãpi), no garimpo do rio Visagem e na cabeceira do igarapé Kumakary (limite leste). Também precisa investigar o nível de contaminação da água desses rios.

#### **4. Da SEED**

- A SEED precisa manter sua parceria e convênios com o lepé para continuar a formação dos professores wajãpi. São os professores indígenas que vão assumir o Ensino Fundamental em todas as aldeias da área, e não só nas cinco aldeias onde existem prédios construídos pela secretaria.
- A SEED precisa nos apoiar quando queremos construir pequenas casas nas nossas aldeias novas para os professores darem aulas. Não precisamos de construções grandes para nossas escolas funcionarem. Os professores índios e não-índios precisam acompanhar seus alunos quando eles mudam de aldeia.
- O NEI precisa nos ajudar a explicar para todos os setores da SEED e outros órgãos do governo que a educação escolar wajãpi é diferenciada e que nossa escola funciona em qualquer lugar onde nossos professores dão aulas.
- A SEED precisa apoiar a formação de um Caixa Escolar diferenciado para as escolas wajãpi, inclusive para podermos comprar munição e fornecer aos alunos de todas as aldeias nossa alimentação tradicional como merenda.

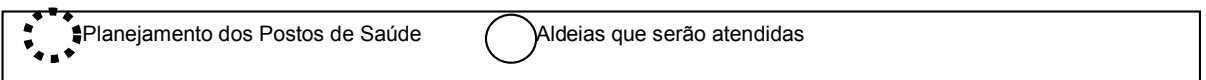
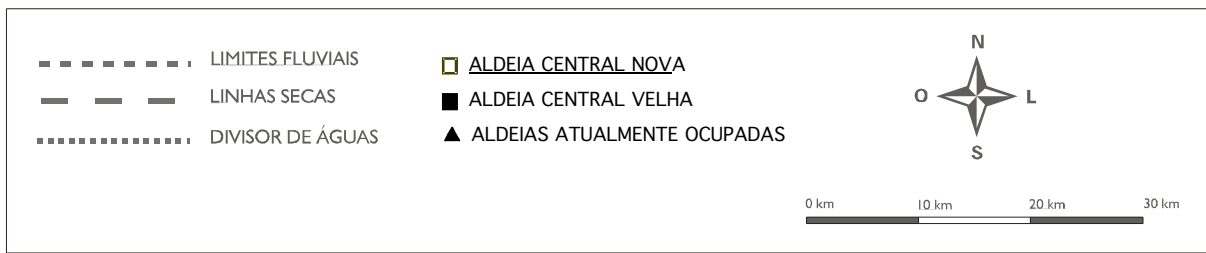
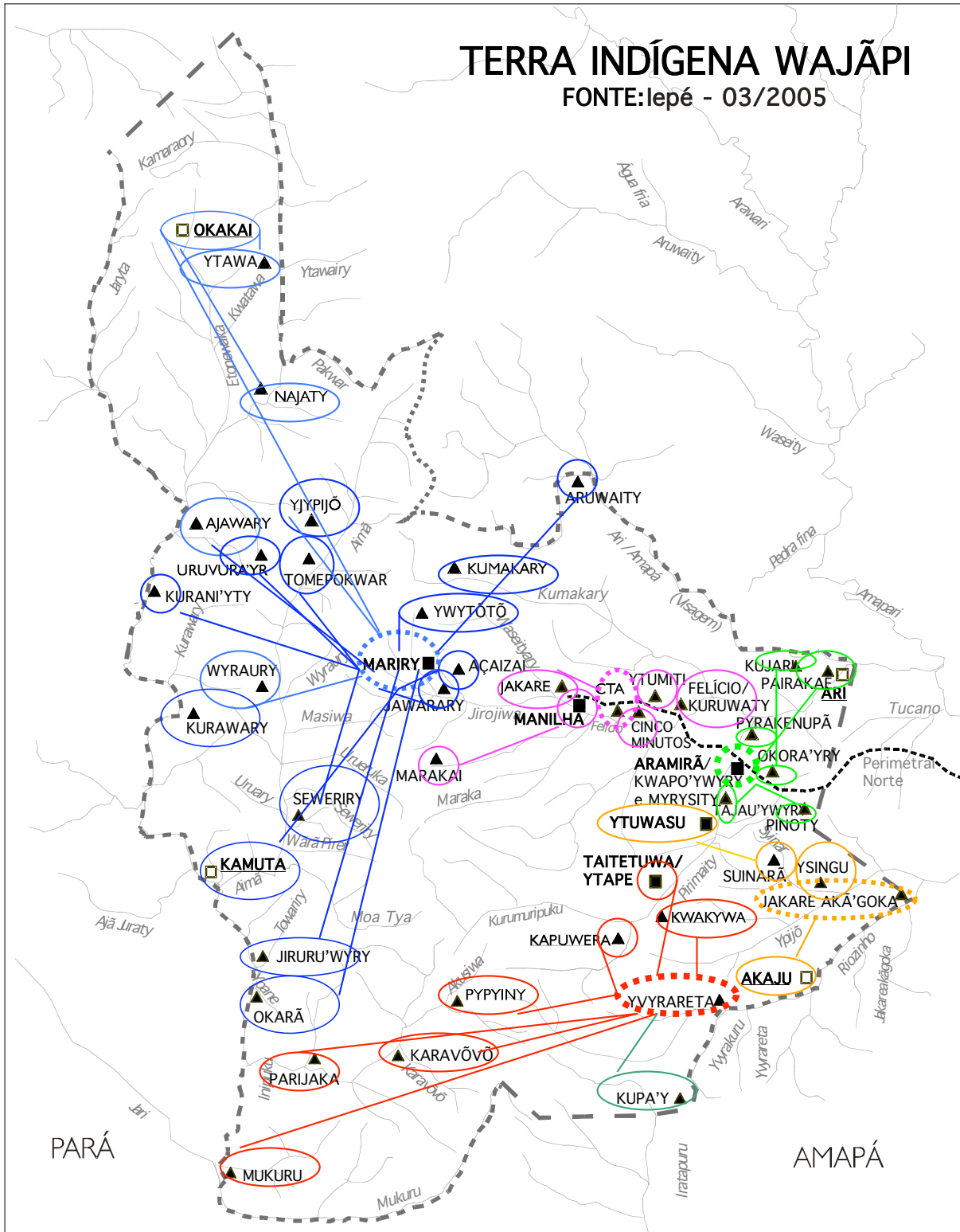
#### **5. Da SEPI**

- A SEPI precisa ajudar a explicar para todas as secretarias do Amapá que trabalham com os povos indígenas como é nosso modo de vida e nossa organização, para que todos nos respeitem e apoiem nossas prioridades.
- A SEPI precisa fiscalizar e apressar as obras de manutenção da estrada dentro da Terra Indígena Wajãpi.

## 6. Da Procuradoria Geral da República

- A Procuradoria Geral da República precisa ajudar a FUNAI a encontrar solução para a dificuldade dos povos indígenas de comprar munição e armas de caça, porque hoje em dia isso é muito necessário para continuarmos caçando. A caça é uma atividade muito importante para nosso modo de vida e para nossa auto-sustentação. Estamos mudando para aldeias novas porque queremos nos alimentar bem. Não queremos depender da criação de animais para nossa alimentação e não sabemos mais caçar tão bem com arco e flecha como nossos avôs.
  - Queremos que a Procuradoria nos ajude a cobrar dos órgãos do governo o apoio que precisamos para mudar para nossas aldeias novas e assim fortalecer nosso modo de vida e nossa cultura.
  - Queremos que a Procuradoria explique a todos os não índios que nós precisamos ser sempre consultados para tudo que os órgãos do governo e outras instituições ou pessoas querem propor e fazer dentro de nossa Terra Indígena Wajãpi.
-

Mapa 1: Como será o atendimento das aldeias pelos postos de saúde quando o Posto Ywyrareta for construído.





Mapa 2: Como planejamos e como estamos solicitando nesse documento o atendimento das aldeias pelos postos de saúde.

